



CORREIO EDITORIAL
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVÓLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIR-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE00602013CE



Gaivato

Quinzenário • 1 de Junho de 2013 • Ano LXX • N.º 1806 • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

DEPOIS dos excessos, a carência. É nestes opostos que a vida do homem tem baloiçado ao longo da sua história, na insensatez. Já o Povo diz, na sua sabedoria, que «a fartura é má conselheira», mas nem por isso é levado à prática este saber.

Certa mulher, depois de nos contar as suas aflições e necessidades, com o marido emigrado em busca de trabalho e o filho entrado no caminho da droga, perguntou-nos: «Tem pão para me dar?»

Ela tinha também outras fomes, de paz, de justiça e de alegria. Paz, porque o filho a põe num estado em que não sabe o que fazer; de justiça, porque o marido teve de ir procurar trabalho para o estrangeiro; de alegria, porque não tem pão para comer.

Na volta da nossa despensa, vinha com um saco de mercearia que lhe demos e com um pedaço de pão na mão, a comê-lo. O sabor do pão na boca é uma fonte de equilíbrio para quem o come, por necessidade: qual fruto precioso do trabalho realizado ou por direito de justiça. Esta é a fonte do verdadeiro bem-estar.

Há um ano, outra mulher nos procurou, e voltou agora, também ela aflita, por não conseguir manter a sua casa, a ruir material e humanamente. Recentemente, o marido desistiu de lutar, abandonou-a e às duas filhas, padecendo uma delas de uma doença rara, incurável. Só ele ganhava, e um ordenado mínimo. Ela tivera de deixar o emprego para cuidar da filha doente, com tratamentos diários e caros.

Hoje tem a sua filhinha que cobre de beijos, mas nada mais tem para lhe dar: a prestação da casa já vai com meses de atraso, as energias da mesma estão em risco de corte, os medicamentos da menina deixaram de ser subsidiados... Só se mantiveram sem custos os tratamentos no hospital e no domicílio.

E diz-nos: «Desejei tanto ser mãe, foi das melhores coisas que me aconteceu... mas agora tenho o meu coração a sangrar por ver as minhas filhas com estas necessidades... Não foi para isso que eu quis ser mãe...»

Outra mãe, de quatro filhos, veio também em busca de socorro. O marido pôs termo à vida, há pouquíssimos meses, três filhos já adultos foram procurar trabalho para o estrangeiro, ficou ela só com outro filho menor. Nunca lhe perguntaria porque ficou viúva... São tantos os casos habitualmente chamados de tragédias... Onde a tragédia?!

Só o abono deste filho menor, que ainda estuda, é rendimento para esta mãe gerir. Atraso nas prestações da casa ao banco, desde que o marido partiu; pagar a água e a luz esperam ajuda; na alimentação vai a família ajudando...

O fiel da balança, símbolo da justiça, perdeu o descanso. Anda desnordeado, e só pela força da misericórdia, dádiva e sacrifício, repousa um pouco.

«A fé move montanhas», diz o Povo, transpondo a verdade do Evangelho para a vida. Mas só se Fé fundada numa bondade do homem recebida e transmitida na acção das suas capacidades. De facto «só Deus é Bom», e a Única fonte da bondade.

Não há que ter medo que o pão não chegue para todas as bocas; não há que temer a falta de trabalho para todos. O «comerás o pão com o suor do teu rosto» não é uma maldição, mas um caminho de realização pessoal e de bem-estar para todos e cada um, desde que o sacrifício não seja considerado indigno, porque todo o Pão que alimenta, pressupõe sacrifício. □



PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

INCENTIVA-ME muito o Papa Francisco por me encontrar com ele, nas minhas ideias em todos os pontos conhecidos. Ouvi-o, há dias, na rádio, apelar aos cristãos para uma vida mais fervorosa, adversa à mediocridade, exortando-os mesmo, a levantar o seu dinheiro nos bancos e a dá-lo aos pobres.

O dinheiro, o tempo e os valores humanos, morais e religiosos não nos foram atribuídos por Deus, somente para nosso proveito mas, para os pobres a render em favor dos outros.

O Evangelho é claro. As passagens dos discursos de Jesus, nas mais variáveis formas repetem esta verdade exuberantemente.

O nosso amor próprio, o medo de nos faltar o alimento, os remédios ou o amparo; a influência do mundo com a sua filosofia de ganância e grandeza falaciosas, impedem os cristãos de compreenderem o Evangelho como ele é, fixando-se somente na parte religiosa. Sempre assim foi. Mas, mesmo nos períodos de maior frieza, na Igreja houve sempre, no seu seio, gente santa, heróica, que deu a vida pelos outros, ousadamente. Eu sou testemunha, no segredo que só Deus conhece.

Sempre que me telefona alguém a dizer que tem mobílias, louças

ou electrodomésticos para dar, lá vou eu com os meus rapazes, na nossa camioneta e... carregamos... carregamos sem nos cansarmos.

Visitando os pobres nas suas casas, encontro famílias, sem camas a dormir no chão, sem armários e até sem mesas e cadeiras para comer, sem fogão, a cozinhar a carvão ou com mini-fogões de campismo. Esta constatação faz-me ir a todo o lado, que não seja muito longe, por causa das despesas, buscar, mesmo ao sábado à tarde ou ao domingo, o que nos dão. Este trabalho é sempre um louvor de Deus que também nos enriquece espiritualmente.

Nas minhas saídas encontrei-me com aquela senhora que me havia dado, em dinheiro, a parte que lhe calhara, pela venda da casa dos pais. Agora quis ir mais longe. Levantou o dinheiro que tinha no banco e pô-lo nas minhas mãos, bem escondido, num envelope, com estas palavras: «*Procuro levar uma vida sóbria. Não tenho carro. Ando nos transportes públicos e a reforma chega para o meu viver!*»

A gente eleva-se!... A gente sente-se indigno!... A gente dá graças a Deus e procura responder

Continua na página 3

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Lugar único

UM dos gestos mais nobres da pessoa humana é semear. Depois de agarrar sementes escolhidas da taleiga, com os pés na terra e movimentos cadenciados, olhando em redor, é de procurar lançá-las em boa terra, até percorrer bem o terreno que lhes foi destinado. A mecanização não eliminou este serviço indispensável, principalmente da cabeça e dos braços.

É salutar, no crescimento humano, ver e aprender esta realidade, para não se viver superficialmente e de ilusões passageiras. Quando se tem em mira semear em profundidade, atingindo o coração, a sementeira passa necessariamente por ensinar, para chegar mais além, mesmo sem ver logo os frutos das colheitas.

Nestes dias frescos, ficámos desolados, embora o orvalho dos céus venha afugentando as chamas dos montes e prejudicando os olivais. Não se pode ter Sol na eira e chuva no nabal. É que as terras de milho grão não deram sinais de germinação. Maturámos nas causas destas coisas, das sementes às terras e ao tempo; contudo, a decisão pronta foi semear de novo, sem desanimar. A modos que indiferentes, aquele ambiente campestre vai sendo cruzado por aves do céu, como andorinhas, rolas e corvos. Na sua existência das alturas, o canto é um estado vital. Se o nosso olhar é de desânimo, ao escutá-las, não ficamos quedos nem mudos: — *Vamos semear, outra vez!* Apesar disso, a nossa esperança vem do Alto, que nos confronta e desmonta a pobreza dos nossos cálculos.

Ao andarmos a pisar aquelas terras de sementeira, serviu-nos também para ruminar uma manchete demasiado interpeladora, porque preocupante: *Nos últimos 40 anos, os nascimentos caíram para metade.* Ao declínio acentuado da natalidade, com a tendência para o envelhecimento, comum nas sociedades ditas *desenvolvidas*, não são alheias, entre nós, causas económicas e sociais, como o desemprego e até a emigração jovem. Registe-se ainda que, em 2012, cerca de metade das crianças nasceu fora do casamento. Vai-se tecendo

Continua na página 2

Pelas CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

AGROPECUÁRIA — A Primavera deste ano tem sido chuvosa. Na nossa plantação de batata, a nascente da rotunda Padre Américo, surgiram muitas ervas daninhas, pelo que foi necessário sarchar todo o batatal. Na terra nova e no lameiro, teve de se efectuar outra sementeira de milho.

ESCOLA — Os Rapazes que frequentam o 4.º ano de escolaridade fizeram os exames nacionais de Português e Matemática. Durante a semana, vários Rapazes têm de ser transportados entre a nossa Casa e o Centro Educativo. Os alunos do 1.º Ciclo fizeram visitas de estudo, a Coimbra, S. João da Madeira e Guimarães.

VISITANTES — Da Paróquia de Fermentelos, Aveiro, e do Colégio de Nossa Senhora da Assunção, Anadia, através de amigos e amigas, chegaram-nos bens essenciais, que muito agradecemos. □

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO CENTRO

José Martins

Saudamos todos os nossos Associados e Amigos. É já longa a nossa ausência de notícias. Temos andado envolvidos com o inquérito de actualização do ficheiro, pelo que esperamos pela conclusão do mesmo para vos dar conhecimento. Das circulares/inquéritos que enviámos, recebemos um terço de respostas. Ficámos surpreendidos por tão reduzida adesão. Estamos certos de que todos os que responderam afirmativamente, estarão interessados em dinamizar a nossa Associação, participando com nova dinâmica nas actividades que viermos a desenvolver e estimulando outros Antigos Gaiatos a juntarem-se a nós.

Aproxima-se o Verão e, com ele, a data do nosso Encontro Anual. Este está marcado para o dia 30 de Junho com o seguinte programa:

09h00 – Recepção/acolhimento e pagamento de quotas;

10h00 – Celebração da Eucaristia;

11h00 – Assembleia Geral;

13h00 – Almoço;

15h00 – Convívio, se possível com actividades desportivas;

17h00 – Merenda partilhada;

18h00 – Arrumo do espaço e despedida.

A ementa do almoço será caldo verde e arroz com carne.

Lembramos que a merenda partilhada, como tem sido habitualmente, será responsabilidade da Associação, pelo que apelamos e esperamos com o contributo de todos, para que possamos oferecer aos mais novos momentos bonitos, alegres e saborosos. Recordamos os salgadinhos, costumam acabar mais cedo que os doces, pelo que seria conveniente reforçar os primeiros e diminuir os segundos.

Esperamos contar com a presença da maioria dos associados e apelamos aos que têm meio de transporte próprio que sejam solidários e o partilhem, nesse dia, com outros da sua zona de residência. Assim, estaremos a pôr em prática um dos objectivos da nossa Associação. □

ANTÓNIO «CARPINTEIRO»

Manuel Pinto

PARTIU há pouco para o Pai, com 83 anos, o António Joaquim Fernandes, mais conhecido pelo «Tónio carpinteiro», por ter exercido essa profissão.

Era natural de Galegos, do concelho de Penafiel.

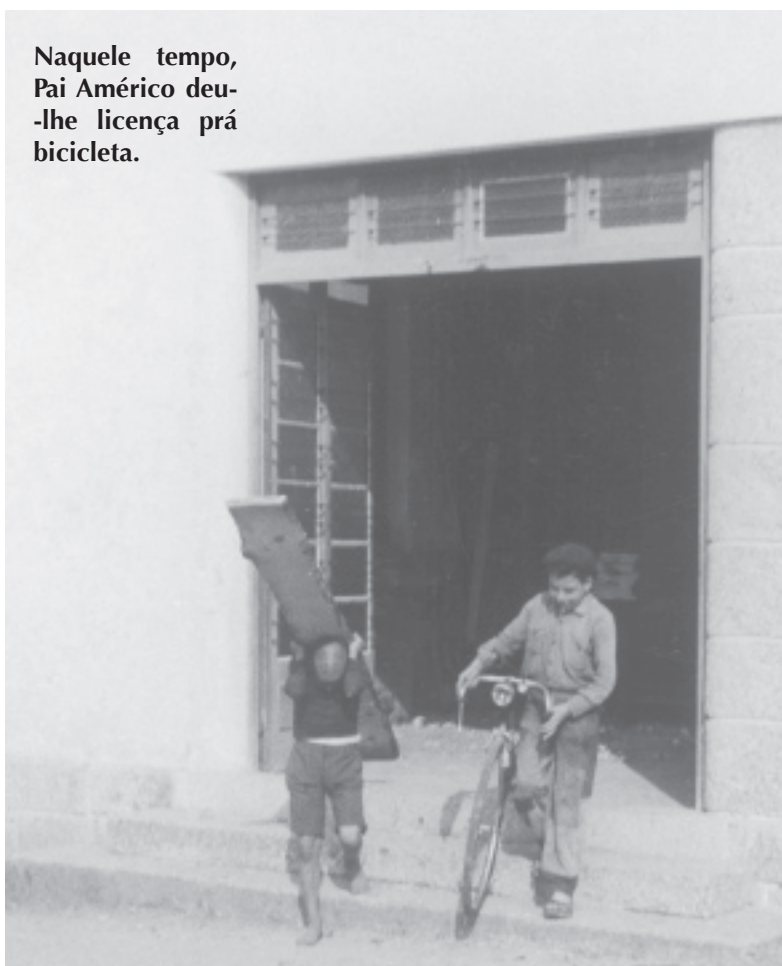
Conheci-o em 1944. Depois da aprendizagem de marceneiro, casou e passou a ser o chefe da carpintaria desta nossa Aldeia de Paço de Sousa.

Mais tarde e depois de ter trabalhado vários anos na nossa oficina, pediu a Pai Américo e saíu, estabelecendo-se, por conta própria, em Campanhã — Porto.

Depois de reformado, ainda por cá andou na carpintaria, fazendo uso da sua arte e habilidade, como provam as várias obras de restauração que nos últimos anos fizemos: Tecto da Capela, Casa-mãe com a sua magnífica escadaria, tecto e balcão do bar tão apreciado pelo nosso Bispo, casa 3 e casa 4, em todas sendo fiel ao gosto e pedagogia de Pai Américo.

Que descanse em paz.

Naquele tempo, Pai Américo deu-lhe licença pra bicicleta.



PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Nas últimas semanas recebemos alunos de várias escolas, que foram acolhidos pelos nossos rapazes. Tinham em vista fazer um trabalho sobre a nossa Obra. Por aquilo que viram e ouviram ficaram entusiasmados, e com as suas dúvidas esclarecidas. Alguns quiseram pedir aos pais para se fazerem assinantes d'O GAIATO.

CASAS — Na nossa casa 4 de baixo, toda remodelada, está agora um grupo de rapazes, que vão desfrutar de coisas novas e do cheirinho a novo que a casa tem. Vão ter de ser cuidadosos com os mobiliários e tudo o resto, para que a casa se mantenha limpa e bonita.

RAPAZES NOVOS — Chegaram a nossa Casa dois novos rapazes, o Gonçalo, vindo de Setúbal; e o Alziro, vindo de Queluz. O Gonçalo já entrou na nossa equipa de futebol e o Alziro ainda só brinca com os mais pequenos. Estes dois rapazes trouxeram mais alegria à nossa Casa.

JARDIM — Os nossos rapazes andaram a fazer um jardim em frente à casa 3 de cima, onde puseram

várias plantas. Com a ajuda dos carpinteiros fizeram uma cerca redonda à volta, feita de toros de madeira tratada, para não apodrecer. Todos os dias um rapaz tem a tarefa de o regar. Os jardins são bonitos quando são bem tratados.

Bruno Alexandre

DESPORTO — O Grupo Desportivo está a atravessar uma fase excelente! Desta vez, recebeu a poderosa equipa do A. R. D. C. Gondim-Maia, da A. F. Porto e Líder, sem derrotas, na II Fase da sua série. Um jogo disputado durante 90 minutos, sempre ao melhor nível. Duas equipas que se bateram de igual para igual, apesar de os nossos Rapazes, com apenas 15 minutos de jogo, já estarem a ganhar por 3-0. Mesmo assim, o Gondim-Maia não *atirou a toalha ao chão* e, de vez em quando, lá ia fazendo estragos.

Os nossos rapazes estiveram ao seu melhor nível, todos deram o máximo, mas (que me perdoem os restantes) Fábio, Ruben e Patrick conseguiram sobressair um pouco mais.

Quando se joga à moda antiga, estamos sempre sujeitos a sair do campo carregados com a vitória.

Alberto («Resende»)

ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS E FAMILIARES DO NORTE

Maurício Mendes

PASSEIO — O quinto passeio da Associação realizou-se no pretérito dia 5 de Maio (Domingo). O destino final da nossa visita, foi o convívio com os “sempre nossos” padres Abel e Moura, em Riodades, onde ainda chegámos a tempo da Missa dominical presidida pelo Padre Abel.

Após, fomos recebidos principescamente pelo Sampaio e a esposa

Alzira numa quinta próxima, onde nos esperava uma feijoada de chorar por mais.

A tarde passou velozmente, com o inevitável desfiar da memória das vivências e lições de vida dadas e recebidas pela Casa do Gaiato de Paço de Sousa, que marcaram as nossas vidas, como marcaram a vida dos “nossos” padres Abel e Moura, pois a emoção fez-se presente, aliada à música da tocata da Associação, desta vez mais sonora pela voz vibrante e inesquecível do Padre Abel que ainda permanece na memória, tanto assim é que, muito em breve, voltaremos a fazê-la vibrar num concerto em Riodades. Por isso, não nos despedimos, apenas dissemos até já...

Daremos notícias mais pormenorizadas deste “concerto-surpresa” nas próximas edições d'O Gaiato.

CAMPANHA DE NOVOS SÓCIOS — Continuamos a apelar, mais uma vez, aos antigos gaiatos que se refiliem na Associação pois a quota de 50 céntimos por mês é acessível a todas as bolsas. Agradecemos a amabilidade de muitos associados que já estão a efectuar o pagamento antecipado das quotas para o ano de 2013.

ACTIVIDADES — A sede da Associação continua com a sua actividade regular, estando de portas abertas, especialmente aos Domingos para quem nos queira visitar e “matar” saudades. Temos também as aulas musicais e de pintura às sextas e sábados, à noite. □

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Maio, 38.850 exemplares

Vale a pena o esforço, quando ele é dividido pelo colectivo.

Com golos de Hugo Pina (2), Ruben (2) e Francisco (1) contra três do Gondim-Maia, eis o resultado final.

* * *

Há jogos e jogos! Há jogos com uma arbitragem correcta e há outros que não; há jogos em que o nosso adversário traz gente do «bota para lá!» e vale tudo, e há outros que não; há jogos em que cada um joga com a prata da casa, há outros que, para ganharem, vão buscar tudo... e todos, para não saírem tristes, por causa do trabalho espectacular da meia dúzia de rapazes que temos e que tentam dar sempre o melhor que podem. Enfim! Há jogos e jogos! *Perder ou ganhar tudo é desporto*, mas deve haver sempre um mínimo de respeito!... Jogar contra um «batalhão», não é a mesma coisa que jogar com uma equipa normal composta com o número de jogadores que a lei manda (18) — assim, é impossível praticar futebol com todos aqueles que, de vez em quando, nós gostamos de encontrar..., para recordar velhos tempos.

Alberto («Resende»)

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Continuação da página 1

um cenário real e progressivo de dúvidas, leis e práticas avessas à família natural, como *origem e património da humanidade*, segundo Bento XVI, em que a vida humana é o maior dom, que se sobrepõe aos sacrifícios. Diante desta crise de valores, de desalento e incerta perspectiva de futuro social, é bem actual que *todo o regresso a Nazaré é progresso social cristão*, no dizer do Padre Américo.

Quem lida 24 horas com vidas feitas em cacós, pois não cresceram no seu ninho, não persegue outra luz que não seja ajudar a criar-lhes condições para que encontrem uma comunidade familiar, onde se aprende a conviver com os outros, na diferença, e em que a paternidade e a maternidade são insubstituíveis.

Numa rua, de amargura, por nós calcorreada, em arrabaldes de betão, estivemos com um infante de 4 anitos, cuja mãe não tem água para o lavar nem pai para o elevar às cavalitas. A propósito, este levantar é muito desejado pelos pequenotes desta comunidade, mas um deles esmurrou o nariz, pois era demais para o Betinho, *pedreiro*...

Não será que nas sociedades se vão configurando patologias do coração e em progressão, quando não se olha de verdade ao *superior interesse das crianças*? São positivos o aumento da esperança



VINDE VER!

Padre Quim

Deveres à mão

DE olhar fito em Jesus, que foi elevado ao Céu à vista dos Apóstolos que escolhera, abrem-se as portas da compreensão, para uma maior entrega servicial pela causa da construção de uma sociedade mais humana, justa e fraterna. Nos dias que decorrem, e de que orgulhosamente o mundo se quer apossar, como quem julga agarrar estrelas só para si, tem mérito o que disse um autor do século XIX: «*as melhores coisas são as que estão mais próximas de nós — ar nas narinas, luz nos olhos, flores nos pés, o caminho da Razão mesmo à nossa frente*». O trabalho simples e comum, à medida que aparece cheio de significado, com certeza de que os deveres diários e o pão de cada dia são, em si mesmos, das coisas que enchem de paz a alma: o círculo das melhores coisas da vida tem as cores da simplicidade e os contornos da grandiosidade das coisas pequenas.

Com os Rapazes a gozarem a pausa pedagógica do primeiro trimestre, que almejamos ser frutuoso, aproveitámos para retomar alguns trabalhos que eram feitos só durante

algumas horas, devido à ocupação académica. E com a redução do pessoal do campo, por falta de recursos para os assalariar, torna-se cada vez mais exigente o envolvimento dos Rapazes nos diversos trabalhos da Casa. Desde o maior ao menor, desde a mais simples à mais complexa actividade. A Obra é deles e é por eles que ela será feita, como já acontece! Vou buscar para aqui algumas notas extraídas do nosso *Cantinho dos Rapazes*, cuja dimensão tem alcance vivo na actualidade. Ah!, se os educadores sociais o tivessem em mãos como instrumento guia, nesse dia deixavam de se afligir da tormenta, que dizem, lhes causar os filhos. «*Nós, é que temos de a fazer*» e fazem, sim senhor. Pela manhã vão os grupos para os seus locais de trabalho: os pequenos, varrer os terrenos e as calçadas da Aldeia; outros, maiores, nas oficinas pondo a render o talento — que é obra exclusiva do Pai do Céu — ainda outros, a regar e arranjar os jardins —, e nas árvores cheias de amêndoas esvoaçam as aves do céu. Os Rapazes, acompanhados pelos seus responsáveis, querem fazer a

Obra nestes pequenos gestos, que eu digo são grandes! Sempre ao lado dos responsáveis, nunca sem eles: seria a imitação da torre de Babel, que não queremos viver nos nossos dias e muito menos em família.

Apareceram dois Rapazes que tinham sido da nossa Casa, metidos no álcool. Quiseram regressar à Casa que os assistiu desde tenra idade. Pediram, insistentemente! O mal que as ruas pregam é desumano, pior ainda são os vícios que trazem. Tivemos tanta pena ao vê-los regressar assim. «*O bem só se estima quando se perde*», é verdade ou é apenas aproximação dela? Uma e outra ajudam a precaver os que tendo ouvidos para a voz da consciência nunca a percam. Se no campo crescem juntos o trigo e o joio, uma vez descoberto o joio arranca-se do meio do trigo, para que este se possa desenvolver, não aconteça que estando juntos acabem os dois por morrer. Fomos bater às portas dum lar especializado para casos deste género: «*voltem em Agosto para saberem notícia*», disse o responsável da instituição. Queremos dar a mão aos de dentro como aos de fora, esperando que as instituições sociais e estatais nos estendam também as suas mãos generosas. A conclusão é de Pai Américo: «*Fazei por nunca perder o bem que agora gozais*». □

UMA CRIANÇA UM TESOURO

Padre João

UMA criança é um tesouro confiado por Deus a uma família, a uma mãe e a um pai. Ninguém, como a mãe, para sua guardiã. Infelizmente, nos dias que correm, marcados por uma certa insensibilidade, muitas são vilipendiadas ou consideradas como objecto de caprichos vários, até do legislativo. Falta um verdadeiro poder “procurador” dos seus direitos...

Nesta Casa do Gaiato de Setúbal, a presença de algumas delas, filhas de gente muito pobre e sofrida, oriundas, a maioria dos PALOP, nomeadamente da Guiné, vão resistindo à erosão da tão propagada desinstitucionalização como remédio para os seus males.

Aqui, encontram ambiente de família propício ao seu desenvolvimento e amparo da sua infância dorida e fragilizada, através de um ambiente humano são e de múltiplas actividades formativas que passam pela escola, música, dança, e outras tarefas de alto valor educativo como são os trabalhos caseiros, nas hortas, nos jardins e no trato dos animais.

Este amparo diversificado é determinante para o seu futuro e, enriquecendo o seu capital afectivo, confirma o que sobre isto escrevem os especialistas acerca

e da qualidade de vida. Porém, ninguém deseja olhar para horizontes de desertos humanos, mesmo com alguns oásis. A renovação social equilibrada tem a sua raiz mais profunda e vigorosa na complementaridade e fidelidade humana, com famílias abertas à transmissão da vida.

Aquele que recebeu a semente em boa terra é o que ouve a Palavra e a compreende. Neste lugar único, a Família, Jesus nos foi dado e cresceu saudável até dar a vida por nós! □

da alma humana. Atribuem eles uma valoração máxima à qualidade dos afectos, das vivências afectivas experimentadas nestes anos da infância. Responsabilidades acrescidas para todos nós.

Para isso, contribuem as figuras de mãe e pai ou de quem, por dom e entrega sem reservas, as substitua de forma significativa e de qualidade.

Ontem de manhã, cruzei-me com o Vanílio ao fundo do espaço e soalheiro corredor que vai da sala de jantar, passa pela Capela e desemboca na porta da Escola. Estava uma manhã de sol radioso e o orvalho da noite espreiava-se na relva como bolinhas prateadas. O sol reflectia-se no rosto do rapaz que deixava emergir, daquele fundo negro, de aspecto fino e nobre, um brilho invulgar: «de onde te vem esse brilho...?» — perguntei curioso, por notar grande diferença dos outros pequenos ali por perto...

«Foi a minha mãe que trouxe um óleo e me ensinou a pôr na cara e eu fico assim...!».

Quem dera todas as crianças pudessem falar assim — pensei eu; tivessem este bálsamo que vai do rosto ao coração — a esse lugar essencial. Um bálsamo materno para ungir não só rosto, mas a alma também — mesmo sem ser Dia Mundial da Criança. Todos os dias do ano. Sempre! Desde a concepção, da gestação ao parto...; que nenhum adulto trouxesse dentro de si uma criança amargurada, porque não amada, ou desejada. Que nenhuma mãe se visse obrigada a expulsar do santuário do seu seio criança alguma por medo ou falta de auxílio oportuno. Todos somos responsáveis para que este brilho nunca se afaste do rosto do Vanílio ou de outra criança qualquer; aqui e agora — em qualquer parte do mundo □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

pessoalmente a estes gestos que são também um apelo do espírito a uma vida mais generosa, mais confiante e mais desprendida.

Muito belo, edificante e sobrenatural este pedido do Papa Francisco! — É que não basta o fervor religioso, é urgente a coerência com a fé cristã para nossa salvação e dos outros!

Um casal novo, com três filhos, conseguiu um r/c da Câmara para habitar e veio pedir-me ajuda para o reconstruir. Sim, escrevo bem, reconstruir por dentro. As pessoas que deixaram a morada, ou foram postas na rua, destruíram-na interiormente. Partiram as loiças da casa de banho, (dizem, eu não sei) para levar as torneiras, arrancaram

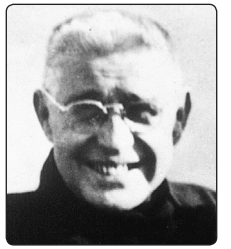
o lava-loiça da cozinha e levaram as portas dos quartos.

Fui com eles ver a casa. Verifiquei o que relato, mas esperava-nos ainda outra triste e incrível surpresa: tinham roubado também quase todas as janelas de alumínio. Deixaram os vidros inteiros e levaram a armação. «*É para venderem no ferro velho*», desabafavam, chorando, os pobres.

Sim. No meio desta desorganização social, decomposição de consciências e incapacidade política é inadiável que a luz resplandeça nas trevas e a fé cristã, com obras e verdade, com coragem e despreendimento, com arrojo e esperança mostre a sua eficácia, assumindo o que é: — **caminho, verdade e vida** para salvação de todos! □

DOUTRINA

Pai Américo



Uma iniquidade aparente

ERA duma vez eu que recebi comunicação oficial do corte de desconto no fornecimento da luz. Era uma soma considerável e eu fui por aí fora conversar com o sr. Presidente da Câmara. Ainda não tínhamos o «Morris»; foi o «Peugeot». Uma vez chegado e anunciado, convidaram-me a entrar na sala de espera e, daí a nada, estava dando o meu recado.

«Que não», diz-me o sr. Presidente. «Eu tenho de zelar os interesses do meu concelho.»

Eu escutei. Expus doutrina: — V. Ex.^a por certo não ignora a obrigação social das Câmaras. Nós temos uma grande dúzia de pequeninos munícipes seus debaixo das nossas telhas.

E mais e mais e mais. De nada me valeu. O interesse, segundo compreendi, era a pedra de toque. É muito difícil, se não impossível, que o homem material penetre nas coisas do espírito.

DESANDEI para a Casa do Gaiato triste e desconsolado. O mundo interesseiro semeia a desolação nas almas a tal ponto que, sem a virtude da Fortaleza, corre-se o risco de naufragar. A nossa Casa fica a uns sete quilómetros da cidade de Penafiel, distância que o carro faz em 10 minutos. Ocupe esse pequenino tempo em pedir a Deus que guiasse as minhas passadas.

NO dia seguinte estava no Porto. Eu queria saber o nome da empresa fornecedora de energia neste concelho. Perguntei. Indicaram-me um nome como provável. Não era ali. Deram-me outro nome. Não era ali. Indicaram-me um terceiro. Acertei. O empregado mandou-me entrar e que esperasse um bocadinho pelo sr. Engenheiro. Este aparece. Antes que eu fale, abre ele a conversa. Começa por dizer que a sua Companhia está em dívida para com a Casa do Gaiato. Que tem obrigação de ajudar a Casa do Gaiato e que diga eu como há-de ser. Isto era no gabinete do sr. Engenheiro. Eu ouvia em silêncio e fervorosa atitude. Quem pedira a Deus que me guiasse os passos... É nessa Luz que nós, mortais, vemos e compreendemos. Aquele sr. Engenheiro, na sua pobreza remediada, há-de ser necessariamente um homem feliz por haver sido, entre tantos outros, o mediano que Deus escolheu. A nossa conversa foi muito breve. As nossas opiniões eram concordes. Quando assim acontece, nem disputas nem dificuldades. Dentro de poucas semanas erguia-se uma torre de granito na nossa Aldeia, aonde se instalava o maquinismo necessário e permanente para termos energia e luz à-vontadinha, sem interferência de ninguém.

RESULTADO: com energia acessível, começa a nascer-me no peito o que antes jamais poderia conceber por causa de preços elevados; e desta sorte instalámos um moinho. Foi a primeira máquina da Aldeia. O nosso pão sabe melhor e engorda mais.

A seguir vem o maquinismo das oficinas de carpinteiro. Mais ruído. Mais entusiasmo. Melhor rendimento. Os pequeninos aprendizes debruçam-se sobre o trabalho e gostam de ver as lâminas fender a madeira.

Depois vem o tear; o tear aonde fabricamos o pano que veste os nossos rapazes. É uma pancada forte e certa, cheia de vida. Gosta-se de a ouvir. Nunca nos faltou pano desde que somos a Obra da Rua, mas como este nunca tivemos! É obra feita em nossa Casa, pelas nossas mãos e está tudo dito.

Finalmente apareceu a tipografia; e da vantagem desta, não há palavras; o nosso vocabulário é omissivo; nem sempre a palavra chega às alturas da ideia.

FIQUEI triste e desolado, como atrás digo, mas aquela hora amarga, sofrida por amor de Deus, converteu-se em alegria total e permanente. Alegria do mundo. Alegria dos nossos leitores de aquém e de além-mar. Alegria tua. Também guardo respeitosamente a carta oficial aonde se anuncia o corte das regalias que antes usufruíamos. Na maré não gostei nada dela, mas hoje gosto e vou mandá-la encaixilhar.

Isto é doutrina. O nosso prelo é púlpito. Eu tenho obrigação de pregar. É preciso que saibamos que nem sempre são direitas as linhas por onde Deus escreve. Os nossos caminhos não são os caminhos d'Ele. Aquilo que parece ser uma adversidade, pode redundar e redundar sempre num bem que nós temos a felicidade de possuir, a intuição do Divino. O caso que hoje exponho é documento.

Do livro *Doutrina*. 2.º vol.



Flores do nosso Calvário

MALANJE

Padre Rafael

FAZ uma semana que faleceu o Manuel dos Santos, com 43 anos, depois de estar somente dois dias no Hospital. Deixa esposa e sete filhos... um futuro a meio de ser realizado. A morte não pergunta nem pede licença, ela vem cobrar as dívidas.

Entrou na Casa do Gaiato quando tinha 8 anos. Quando a nossa Aldeia foi tomada pelo Governo, nos anos oitenta, e fizeram dela um posto militar, foi levado, juntamente com um grupo de rapazes, para a escola de Kessua, dirigida por cubanos. Quando chegou à idade militar, foi incorporado nas fileiras do MPLA, e ali continuou até aos anos 90. Com o regresso do Padre Telmo a Angola, toma parte na reconstrução da Aldeia.

Ficou como trabalhador da nossa Casa do Gaiato e nunca mais a abandonou. Nestes últimos tempos era o responsável pela serra da madeira. Fruto de uma enfermidade, há uns anos, foi amputado a uma perna e sempre me pedia que lhe levasse umas muletas, quando

eu viajava de férias... este ano não vai ser assim.

Que dizer perante a morte de um ser querido... o silêncio entra em nossos pensamentos e cada um recria os pedaços de vida partilhados. Serão muitos os dias em que, no meio dos meus silêncios e nos recantos desta Casa do Gaiato, me parecerá ver o Manuel dos Santos, fumando o seu cigarro, apoiado nas suas muletas.

Manuel Barrigas é um autêntico comilão. Outro dia, adormeceu e tiveram de o acordar para jantar. Outros dias, há meninos que não querem sentar-se à mesa, mas sim continuar a dormir. Ele, pelo contrário, ao pô-lo diante do prato, começa a despertar e acaba em meter a comida à boca... não tarda e já limpou o prato de funge.

O Governo exigiu que todas as crianças levassem bata para a Escola. Uma lei aplicada também à nossa Escola. Este ano, a Direcção recebeu um ultimato e tivemos

de pôr mãos à obra, para conseguir batas para mais de 70 rapazes.

Por fim, as Irmãs falaram com um alfaiate para que as fizesse. O problema era, como pagá-las... e esse problema nunca chegou a pôr-se, pois elas se encarregaram de arranjar o dinheiro necessário... amar é compromisso com o outro.

Casualmente, no mesmo dia em que os nossos rapazes estreavam as batas, chegou uma inspecção do Governo à Escola. O nosso Director, António, estava inchado de orgulho, por ver todos os alunos das Aldeias e os gaiatos com suas batas novas e limpas. Agora, chega a nunca fácil tarefa de mantê-las e cuidá-las para que não se rompam ou se percam... Tarefa que já foi atribuída a cada chefe de camarata.

Esta semana começam os exames do primeiro trimestre. Será a primeira oportunidade para ver como os rapazes estão a aproveitar o ano escolar e quais deles precisam de apoio escolar. Depois dos exames, haverá uma pausa de quinze dias para os professores corrigirem e entregar as notas. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Ivanoel

ESTE rapaz regressou de Bruxelas, como contei no número anterior.

Entre mil e oitocentos jovens, de todo o mundo, ele foi seleccionado, com mais cem, para outra prova, da qual só cinquenta seriam escolhidos. Não ingressou nos cinquenta, mas ficou nos vinte suplentes. Se outros faltarem, será chamado e eu darei notícias.

Estes êxitos da Obra são também dos nossos Amigos. É uma exigência de comunhão e agradecimento e um estímulo para os que aqui crescem e se fazem homens!

Além fronteiras

CONDUZIDOS por uma Professora do Instituto Politécnico de Setúbal, três dezenas de universitários, de várias nações da Europa e do mundo, visitaram a

nossa Casa. Gente, na sua maioria estudantes da área social, sem conotações religiosas.

Apresentei-lhes o filme, no nosso salão de festas e, depois, a realidade viva: a Casa do Gaiato de Setúbal.

Não lhes mostrei a Capela por me terem advertido que era gente sem fé e muçulmana, mas fiquei deveras impressionado com o toque interior manifesto que a vida da Casa do Gaiato provocou nos seus corações e na sua mente. A Obra é na verdade um átrio dos gentios!

Fomos para o pomar onde cada um se deliciou, quanto lhe apeteceu com as laranjas apanhadas por eles, à mão, das lindas árvores carregadas de fruto. Alguns revelaram nunca terem visto uma laranjeira nem oliveiras e que na Turquia as laranjas se chamam *Portugal*.

Passamos pelo meio da vacaria, na ala dos comedouros, e as vaquinhas esticaram o pescoço e

a cabeça para as festas e as fotografias. Foi uma risota no mundo natural, estranho e novo para gente da cidade.

Uma visita aos bezerrinhos ao sol, e estávamos no jardim, onde surge, em homenagem aos gaiatos, a estátua do André e do Tomás, em bronze, feita pelo «Neca» de Paço de Sousa. De repente, vejo uns poucos à volta de uma nespreira carregada de grandes e luzidias nêspers maduras, comendo à-vontade, sem permissão de ninguém.

Não passou pela cabeça de nenhum que os nossos rapazes brincam ali todos os dias e não mexem na fruta.

Dei-lhes um filme para cada nação. Eles lá, depois, se quiserem ver melhor e explorar, que o passem uns aos outros pela *internet*. O bem, o belo e construtivo é de todos! Que se apaixonem por ele e o realizem, que pobres e abandonados há-os em toda a parte do mundo. □

BENGUELA

Padre Manuel António

Caminho do amor autêntico

NÃO temos mãos para acolher tantas crianças que nos batem à porta! O coração está disponível, mas não basta. Ontem, dois filhos vadios, por sua iniciativa, vieram contar-nos um pouco da sua história. O abandono dos pais está na origem destas desgraças sociais. Há momentos, vieram comunicar-me que mais dois garotos da rua estavam junto da cozinha, à espera da comida. Conversámos, depois de matarem a fome que os consumia. A mesma razão está na base das suas desgraças: O abandono familiar a que foram votados. É verdade que, ao contrário do que sucede noutros países, os nossos olhos estão cheios de crianças, ao colo das mães queridas, ou nos lares humildes do nosso povo. Esta situação é causa de alegria. Porém, a tristeza gerada pelo abandono a que são votados muitos filhos é muito profunda. A nossa Casa do Gaiato de Benguela quer ser uma resposta justa a esta situação de injustiça social. Quem dera que o vosso coração alargue os seus horizontes e chegue até estes filhos. Vamos, pois, de mãos dadas, à busca dum mundo novo, cuja alma é o amor. Sem dúvida, trata-se dum problema de justiça social, a pedir a intervenção das forças vivas da sociedade. Mas, se faltar o amor, a injustiça permanece, como um corpo sem alma. Daí, o compromisso de cada um de nós, na medida das nossas possibilidades. Partilho convosco esta inquietação, na esperança da vossa ajuda para o cumprimento do nosso serviço.

Há dias, veio visitar-nos o sr. Embaixador de Portugal, em Angola. Ficou muito feliz com o que os seus olhos viram. Mais feliz, contudo, por saber que o Povo de Portugal tem permitido realizar este projecto maravilhoso, com a sua ajuda financeira, através da mãe Obra da Rua que tem a sua sede em Portugal. Quem dera a Casa do Gaiato de Benguela possa continuar de coração levantado e cabeça erguida, em comunhão muito íntima com o Povo de Portugal! O carinho das autoridades de Angola e do Povo que nos acolheu continue a ser a fogueira onde é gerada a confiança que alimenta a nossa esperança. Deste modo, experimentamos a verdade da palavra que diz: a união faz a força. Dai-nos a vossa mão!

Hoje, ao princípio da manhã, um grupo de cerca de 40 portugueses, alguns dos quais muito ligados a Angola e a Benguela, de modo especial, cumpriu um ponto alto do seu programa com a vinda à nossa Casa do Gaiato. Um dos elementos do grupo, professor reformado, em Portugal, cresceu e formou-se connosco. Os corações desta gente ficaram de tal modo marcados por Benguela e Angola que não resistem, por muito tempo, sem matar as saudades com a sua visita. Impressionados por tudo o que viram, prometeram estar sempre presentes, com a lembrança do seu coração, na ajuda que puderem dar à nossa vida. Ficamos felizes com este encontro. O amor verdadeiro enche o coração de alegria, até às lágrimas. Assim aconteceu. Não temos outro caminho para a realização da nossa vida, em felicidade, senão o caminho do amor autêntico. O contágio desta verdade chegue a todos vós.

Foi dado mais um passo em frente, na solução do problema grave da falta de emprego para os mais velhos. Uma fábrica de cimento, ainda nova, respondeu a esta inquietação muito grande, abrindo as portas a cinco dos nossos rapazes. Quem dera sintam a realização das suas vidas no cumprimento recto dos seus deveres. O nosso coração fica, sem dúvida, aliviado, sem se libertar, por completo, da ocupação do bom exemplo no seu trabalho. É toda a família da Casa do Gaiato que está comprometida. Quando são enviados em missão de trabalho, como esta, levam consigo o nome de todos os seus irmãos gaiatos. É, pois, uma responsabilidade que não podem esquecer. Outro grupo aguarda a resposta duma empresa com actividades internacionais.

Antes de terminar a partilha convosco destas *Notas* da nossa vida, mais três pedidos nos batem à porta para acolhermos crianças, em perigo social de vida. Esperamos dar uma resposta favorável à parte do grande número, à espera, com a saída dos rapazes mais velhos para os seus empregos e conseqüente autonomia. Quem dera se cumpra este projecto, com um beijo dos mais pequeninos da Casa do Gaiato de Benguela para todos vós! □

PENSAMENTO

Pai Américo

É muito difícil, se não impossível, que o homem material penetre nas coisas do espírito. (...) O mundo interesseiro semeia a desolação nas almas a tal ponto que, sem a virtude da Fortaleza, corre-se o risco de naufragar.

in Doutrina, 2.º Vol.